



METAMORFOSES NA IDENTIDADE DO PASTOR IDOSO

Rael Bispo Beserra

Psicólogo, mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor na Universidade Braz Cubas. *E-mail:* raelbispo@yahoo.com.br

RESUMO

Pretende-se neste artigo abordar aspectos teóricos e práticos que norteiam os processos identitários de pastores ao longo de sua carreira religiosa. O objetivo é descrever como acontecem as metamorfoses na identidade do pastor facilitando uma transição mais satisfatória no momento de sua jubilação no ministério. O referencial teórico usado para compreender identidade tem como base a Psicologia Social, mais especificamente o pensamento do Dr. Antonio da Costa Ciampa, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), que trabalha com o conceito de que identidade é metamorfose. Para atingir o objetivo, foi utilizada como metodologia a técnica de pesquisa semidirigida com um pastor jubilado. A pesquisa permitiu verificar os principais movimentos na trajetória de vida de um pastor e as constantes metamorfoses em sua identidade. O texto traz referências ao conceito de identidade, fragmentos da entrevista e análise com apontamentos que evidenciam o processo de identidade e suas transformações – metamorfoses – na luta pela re-posição da identidade do sujeito e finalmente a aceitação da identidade pós-ministério como processo natural de sua carreira religiosa.

PALAVRAS-CHAVE

Identidade. Metamorfose. Pastor idoso. Psicologia social. Representação social.

1. INTRODUÇÃO

O jovem recebe informações e o convite para fazer parte de uma igreja, ser parte de uma nova família, antes, porém,

deve passar pelo processo de conversão; na linguagem cristã, deve nascer de novo, ter uma nova identidade. Tudo é diferente, até seu vestuário é novo. O jovem se sente uma nova pessoa; revestido de certo mistério que para muitos é importante em sua nova posição social. Seus sonhos e suas expectativas estão em alta, pois é, sem dúvida, um novo homem, tem uma nova identidade: filho-de-Deus. Pouco depois, esse jovem acredita ter recebido um chamado para ser um sacerdote de Deus, o que, na tradição judaico-cristã, é um representante de Deus com a função de unir o homem à divindade. Todos ficam maravilhados com sua metamorfose na identidade; agora, é pastor-filho-de-Deus-sacerdote-da-Igreja.

Esse mesmo jovem, na plenitude de seu vigor físico e mental, agora é alguém respeitado. Seu trabalho é valorizado, recebe o incentivo e agradecimento de muitos e, cada vez mais, é desejado pelas pessoas. Sua identidade social garante que tudo isso vale a pena. Esse é o processo em que a identidade do sujeito vai adquirindo novas representações; como diz Ciampa (1989, p. 74):

Desta maneira desenvolve-se uma rede de representações nas relações, onde cada identidade reflete outra identidade. Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose. É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infindável transformação.

A pessoa internaliza aquilo que outros lhe atribuem de tal forma que passa a fazer parte de si, é a sua identidade, que em seguida é exteriorizada e, por fim, objetivada (reconhecida socialmente). Essa nova identidade social é revestida de autoridade espiritual garantida também pela própria Bíblia Sagrada que, aliás, orienta as pessoas a ter o pastor em grande estima e amor (I Tessalonicenses 5:12), como dignos de honra (I Timóteo 5:17), a quem todos devem obedecer e sujeitar-se (Hebreus 13:17), pois, agora, é um “anjo” da Igreja (Apocalipse 3:1,7).

Sua identidade social o fascina, pois ocorre o que Ciampa (1995) entende como uma constante re-posição de sua identidade. A Igreja faz isso quando confia em suas palavras, quando respeita suas posições e segue suas orientações, afinal é um verdadeiro representante de Deus na Terra.

Todavia, com o passar dos anos, essa realidade é modificada e com ela as representações sociais. O pastor, que não é mais um jovem, não tem consciência do que aconteceu, mas sente que alguma coisa mudou em sua identidade. Essa re-posição da identidade não acontece como antes. Algumas pessoas ousam desobedecer, sua estima na igreja é diminuída, as pessoas não o procuram tanto e ele começa a sentir-se desvalorizado. Sente que algo está errado, pois ele é pastor-filho-de-Deus-representante-da-Igreja, revestido de sua autoridade. Ele resiste a essa nova realidade social, afinal essa identidade pastoral lhe havia sido outorgada pelo próprio Deus. Mas como é possível um pastor sem ovelhas? Pergunta a si mesmo e, por consequência, pergunta: “Quem sou eu?”.

Eis aí o início da crise de identidade que pretendo abordar neste artigo. O conflito surge quando essa atualização social sobre seu papel – *status* – não é re-posta, quando não encontra manutenção. O velho, em nossa sociedade, é visto como ultrapassado, seu capital social não tem o mesmo valor de um jovem. A identidade é abalada à medida que esse pastor não cumpre o que é esperado para sua identidade pressuposta, ou seja, os papéis e personagens que as pessoas projetam no indivíduo e este assume como sendo sua identidade. O conflito está armado. A igreja não trabalha com a possibilidade eclesiológica de que essa identidade pastoral é passageira; o próprio pastor acredita que essa identidade, por ter sido outorgada por Deus, é para sempre. Engenheiros, psicólogos, enfermeiros são funções que preveem aposentadoria, o pastor não.

Quando falamos de identidade como sendo socialmente estabelecida, temos um aparente impasse:

- Como uma pessoa idosa poderá desfrutar de suas metamorfoses na identidade de forma construtiva e saudável se a sociedade a enxerga com base em estigmas e estereótipos ultrapassados e a considera um peso?

O que foi até este ponto exposto de modo emblemático é uma constante nas narrativas históricas de pastores aposentados, e, para abordar essa questão central do artigo, vamos recorrer à técnica de história de vida (SPINDOLA; SANTOS, 2003). Para isso foi entrevistado um pastor na fase pós-ministério (jubilado) que gentilmente autorizou a publicação de sua

história e sua identificação pessoal. Veremos em sua narrativa como se dá o processo infindável de construção e reconstrução da identidade que, além de pessoal é, simultaneamente, social e coletivo.

2. CONCEITO DE IDENTIDADE

Falar de identidade é tentar responder a uma das questões existenciais mais difíceis do ser humano: “Quem sou eu?”. A Filosofia, Antropologia e Psicologia, entre outras ciências, há muito tentam responder a essa questão, contudo o que temos são teorias ou possibilidades. A perspectiva aqui utilizada é da Psicologia Sócio-histórica. Tal perspectiva entende que a identidade é uma construção social que se transforma durante sua história de vida. Para isso, será utilizado o pensamento do Dr. Antonio da Costa Ciampa (1995), professor no núcleo de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), quando sugere que identidade é metamorfose. Tal perspectiva diz que identidade é um processo interminável, envolvendo passado, presente e projeção de futuro. Com isso, fica implícito que em sua história de vida os papéis sociais, o momento existencial, a subjetividade da pessoa, enfim, diferentes aspectos são fatores determinantes quando se pretende identificar alguém. A questão da identidade está fundamentada na dialética indivíduo e sociedade. Não existe uma identidade fixa, previamente dada pela natureza, mas é esta, sobretudo, um processo construído e conhecido pela ação do indivíduo.

Ciampa (1995) entende que estudamos ou conhecemos a identidade a partir de perguntas como: “Quem sou eu?” ou “O que pretendo ser?”. Segundo ele, essas são, de fato, questões fundamentais para se conceituar a identidade, pois revelam como nos apresentamos uns aos outros e a nós mesmos. As respostas a essas questões revelam características das pessoas como suas habilidades, seus papéis sociais, seu grupo familiar, personagens vivenciados etc.

Além disso, essas perguntas que norteiam sua perspectiva de construção do processo de identidade se justificam porque identidade é – para ele – relacional e histórica; é um

processo de interação e transformação humana; a perspectiva sócio-histórica não pressupõe uma identidade estabelecida. Assim, nessa perspectiva, a identidade é vista como processo e, por conseguinte, como um movimento que demanda um sentido à constante atividade de ser humano. Uma vez reconhecido que o sujeito da identidade se concretiza como metamorfose, tal conceito passa a garantir um olhar para a complexidade do movimento humano cuja *performance* identitária o situa na intersecção de sua história de vida e seu projeto de futuro.

Quando um pastor – ou qualquer outra pessoa – não compreende a identidade como construções e reconstruções sociais – metamorfoses –, o conflito é inevitável. Querer ser no presente o mesmo que fora no passado não é possível. Sua realidade interior mudou, a realidade externa mudou, enfim o mundo mudou. Reconhecer essa nova realidade é importante para não se sentir na obrigação de ser, hoje, na mesma intensidade, o que foi ontem; a metamorfose aconteceu, e com ela se desdobram novas identidades. É por isso que a pergunta “Quem sou eu?” torna-se um processo infundável ao ser humano.

A importância conferida ao estudo da identidade, assim como sua conceituação, varia ao longo da história, ora atribuindo maior relevância à individualidade e às expressões do Eu, ora voltando-se mais para o coletivo; contudo, nunca deixou de ser uma questão importante. O desafio para nosso momento histórico está relacionado às novas possibilidades atribuídas ao indivíduo e às novas configurações e possibilidades de sociabilidade em que esse indivíduo está inserido. A identidade se dá por aspectos que nos assemelham e por aspectos que nos diferenciam. São processos em que “internalizamos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso” (CIAMPA, 1995, p. 131). Como pessoas humanas, somos iguais, mas, como indivíduos, somos absolutamente diferentes.

Quando alguém gera um filho, é identificado como pai, contudo não deixa de ser simultaneamente filho. Dessa forma, cada papel social contribui para determinar o indivíduo fazendo com que este seja uma unidade da multiplicidade de sua existência. Quando está diante do filho, é pai, mas, quando está diante do pai, é filho. Trata-se de uma rede de representações sociais, em que cada identidade reflete outra identidade. Identidade é, portanto, movimento; é metamorfose.

3. A DURA REALIDADE DA VIDA APLICADA AO CONCEITO DE IDENTIDADE

“É morrendo que se nasce”

(Francisco de Assis)

O tempo, e com ele a velhice, introduz uma descontinuidade radical, uma ruptura com o passado, e o indivíduo deve adaptar-se à nova realidade com suas vantagens e desvantagens. Lutar contra essa realidade da vida é uma batalha perdida; é melhor aceitar que a realidade objetiva de suas relações mudou, são outras as representações sociais de sua identidade. Isso não significa que a pessoa se tornou incapaz ou que esteja ultrapassada, mas que uma nova identidade precisa nascer; “É morrendo que se nasce”. É apenas mais uma metamorfose no processo de identidade. O desafio é enxergar as novas possibilidades que a vida está oferecendo, é exercer novos papéis sociais e assumir suas novas identidades com satisfação. Aquela jovem, assim como aquela realidade, não existe mais. Foi assim com nosso personagem emblemático, o Pr. Raimundo Moraes Rego, a quem será identificado como Pr. (pastor) nas demais citações. Esclareço, também, que será mantida a descrição original de sua fala, sem preocupação com eventuais “erros” de português. O Pr. começa seu relato de história de vida dizendo:

Vim para São Paulo em 1969. Deixei família em São Luiz, Maranhão, e vim aventurar-me em São Paulo em busca de emprego, melhor situação de vida. Chegando aqui encontrei alguns obstáculos como dificuldade para encontrar emprego. [...] Naquela época, eu creio que as pessoas não davam nada por mim. A gente era chamado de barriga verde. Passei por provas duras; bati muitas portas em busca desse emprego e teve horas de desanimar. [...] Um dia eu li aquele texto bíblico e ao ler alguma coisa me encheu de alegria e esperança. Naquele dia saí para procurar emprego e realmente me deparei com a fila de emprego. Fizemos ficha e disseram: “Vocês estão empregados!”. Aquilo foi uma alegria muito grande. Eu, então, me empreguei. E aí começou a minha vida no meu primeiro emprego.

É interessante notar que, quando diz “começou a minha vida”, trata-se de um recorte histórico que representa um momento de transformação de sua identidade. Significa que está deixando sua identidade de “barriga verde desempregado” para assumir uma nova identidade, em que começou a nova vida com o primeiro emprego em São Paulo. Alguém lhe atribui essa nova personagem de sua identidade, o que reforça a ideia de que a identidade que lhe é atribuída socialmente determina como a pessoa se vê e sente.

Depois passei a trabalhar interno na prefeitura. Arrumei para estudar, fiz ginásio e colegial, lá mesmo no centro de São Paulo. Caminhando para a igreja com meu sogro, depois da experiência de ter ouvido a Palavra de Deus senti o chamado para o ministério, com as experiências fabulosas. Aí foi se encaixando as coisas, por várias vezes, sem querer, abri a Bíblia e caía em Hebreus 5, por várias vezes. Aquilo me chamou a atenção. Eu disse: “Por que sempre que abro a Bíblia cai nesse texto sem eu querer?”. Um dia tive uma visão entre acordado e dormindo: Deus veio como um pássaro – tá escrito na minha caderneta (refere-se a um diário) –, o pássaro sentou aqui (aponta para ombro) e falou: “Deus é amor”. Aí mostrou tudo o que estava acontecendo naquela Igreja Batista (faz referência a conflitos na igreja). Deus me mostrou tudo e disse: “Deus é amor, ide e pregai o Evangelho a toda a criatura!”. Desse jeito. Eu já tinha uns 30 anos. [...] Deus provou todo aquele encaminhamento que estava chegando ao desfecho final da minha chamada. Fui para São Caetano do Sul e terminei o curso de Teologia. Então resolveram me chamar para ser pastor. Aceitei! Deus me deu uma grande bênção, uma história que eu agradeço.

Esse relato descreve mais uma metamorfose em sua identidade; o imigrante nordestino referido como “barriga verde” agora é teólogo-pastor, chamado por Deus para ser seu representante (sacerdote) na igreja; uma honra atribuída por Deus e ratificada pela igreja. Mas sua história não acaba aqui, a vida e a história são dinâmicas, novas experiências e novas identidades surgiram.

Depois me formei. Fiz mais uma faculdade (refere-se ao curso de Pedagogia) e uma pessoa me fala: “Olha, mas quem diria, já

escreveu um livro, já fez isso e aquilo; eu nunca pensei, nunca imaginava que você iria chegar onde chegou”. Quer dizer que a minha autoestima (quis dizer autoimagem) era baixa para aquelas pessoas, mas a minha fé e Deus estava sempre flutuante; crendo que Deus me daria uma melhora na vida. Naquilo que eu sentia de fazer, uma coisa eu sempre pedia, desde criança, sonhava em ensinar as pessoas, falar ao público e tinha aquela ideia de ser alguém na vida; nem que fosse para ensinar. Hoje alguns acreditam em mim e dizem coisas boas.

A história de vida do Pr., um “nordestino-barriga-verde” que agora é teólogo-pedagogo-pastor, encontra um novo sentido em um processo interminável envolvendo passado, presente e perspectiva de futuro. Isso mostra que os papéis sociais, as representações sociais, os personagens vivenciados e as ações do indivíduo determinam o momento existencial, ou seja, “Quem sou eu!”. A identidade é processo, movimento que demanda um sentido; a constante atividade de ser humano. É o reconhecido de que o sujeito da identidade se concretiza como metamorfose. O Pr. personifica o jovem emblemático da introdução que na plenitude de seu vigor físico e mental é alguém respeitado e tem seu trabalho valorizado. Recebe o incentivo e a valorização de muitos e é, cada vez mais, desejado pelas pessoas. Sua nova identidade social, pastor-filho-de-Deus-representante-da-Igreja, garante-lhe que tudo isso vale a pena. Mas a história continua e novas metamorfoses aconteceram e com elas novas identidades.

Um pastor é algo difícil: às vezes, as pessoas querem bem, mas também criticam. [...] Nunca fui famoso, mas o que Deus mandou fazer eu faço, dentro das minhas limitações, para o Senhor, continuo fazendo até hoje. Procuo fazer o que posso para o Senhor. Alguns me disseram assim: “Pastorzinho”; desse jeito. Só porque ele era advogado, desfazendo do outro. Coisas assim me desanimam. Eu fico triste; a gente sabe que nem todos são famosos e eu sei que não sou famoso. Fiz o que pude, dentro das minhas limitações. [...] Mesmo passando por decepções, mas Deus não é como os homens, se Deus fosse como os homens, como as pessoas, eu estaria muito triste, mas porque Deus não vê o exterior, mas o coração, Ele sabe o coração, por

isso sinto-me realizado. [...] Eu fico alegre quando vejo algumas pessoas dizer: “Agradeço a Deus pela sua pessoa, Pr. Raimundo, porque Deus usou o irmão como instrumento na minha vida e na vida da minha esposa”. [...] Essas coisas são gratificantes, a estima da gente sobe.

Assim, um novo processo no conceito de identidade pode ser observado – a luta pela re-posição da identidade. O Pr. vive momentos de resistência às novas representações sociais, ele insiste que é pastor-escolhido-por-Deus. Diz que Deus não vê como os homens, ou seja, apesar da realidade externa – os homens –, sua realidade interna – Deus – o faz sentir alegre. É a luta pela re-posição ou manutenção de sua identidade. Reconhecer uma nova identidade é difícil, principalmente quando não é acompanhada de significados socialmente valorizados. A tendência é resistir, porém é difícil ficar imune ao que os outros nos atribuem. As mudanças socialmente estabelecidas são, muitas vezes, perdas difíceis de ser assimiladas. O Pr. resiste o quanto pode para manter sua identidade de pastor-escolhido-por-Deus.

Ao ser questionado sobre a nova fase da vida, a chamada velhice, o Pr. diz:

Eu já estou nas folhas do outono, realmente. E eu vejo que a velhice, para muitos, serve de crítica, mas para Deus os velhos também sonham e estão no agrado de Deus. Quando aposentei, eu disse: “Já estou caminhando para essa fase, vou procurar ter uma vida equilibrada, na velhice”. Meus sonhos não terminaram porque tenho Deus na vida; por isso a minha vida continua. Meu tempo está sendo ocupado. Eu estou lendo, fazendo um desafio, escrevendo, desde que me aposentei procurei colocar a minha memória em desafio. Já que não vou trabalhar, vou trabalhar de outro jeito, fazendo caminhada, exercícios, tocando meu acordeom – tenho esse talento –, e escrevo poemas, tenho um diário. Sempre deixo memórias em pensamentos filosóficos ou poemas. Então a cada dia eu escrevo um pensamento filosófico. Tenho 2.202, quero chegar a mais de 3.000. Um dos pensamentos é: “Pensar e desenvolver é viver, mas viver sem pensar é morrer sem realizar”. Descobri os poemas; poxa vida! Estava dentro de mim. Acredito que é uma mudança.

Apesar das dificuldades para aceitar as metamorfoses na identidade, o Pr. entende que as metamorfoses continuam. Sabe que precisa continuar sonhando, sendo um sujeito ativo e descobrindo novas possibilidades para suas metamorfoses na identidade. Ele se descobre “poeta-escritor”, apesar de que para alguns a velhice seja uma piada. Há aqui um conflito entre sua autoestima (como a pessoa se vê) e autoimagem (como a pessoa acha que é vista pelo outro).

Eu continuo sonhando e fazendo alguma coisa. A minha velhice tá sendo um desafio, continuo sonhando, mesmo nesta idade, 78 anos. Por isso desafio meu corpo, minha alma a fazer alguma coisa pelas pessoas. Estou indo nos Pimentas (refere-se à igreja onde é pastor de idosos) fazendo trabalhos com idosos, para mim é honrar o nome de Deus. Nas igrejas, na minha idade, a gente é deixado de escanteio. Eles até dão oportunidade, mas é só para fazer um “H” (quer dizer, um faz de conta). Mas um pastor nessa idade realmente é criticado, logo se ele não se entregar nas mãos de Deus, não fizer o que eu faço, ele se desanima e pode entrar em depressão. As pessoas são gentis e até se alegra com a gente, mas para a maioria os velhos servem de piada.

São muitas as perdas de uma pessoa idosa – sobre essa questão não há dúvidas –, são perdas afetivas, sociais, físicas, econômicas etc. Mas, quando a pessoa aceita o momento e assume novas possibilidades identitárias, novas oportunidades aparecem, novas representações sociais farão parte de sua identidade, e, com isso, sua importância social, afetiva, produtiva pode ser reconhecida. Essa não é uma tarefa fácil, não podemos negar as dificuldades implícitas à realidade do idoso.

Novas identidades, sim, mas não ideologias que mascaram a realidade e excluem o idoso. Aceitar as metamorfoses na identidade não significa concordar com o preconceito e os estereótipos atribuídos ao idoso. As novas identidades existem justamente para que a pessoa continue a desempenhar um papel social importante em sua comunidade. É preciso encontrar um espaço de atuação social, respeitando seu valor e reconhecendo o que já desempenhou no decorrer de sua trajetória e sua capacidade de desenvolver novos papéis sociais por causa de sua experiência de vida.

O maior desafio do idoso não é aceitar suas limitações físicas ou, em muitos casos, a fragilidade da saúde, nem mesmo as perdas afetivas, que são inevitáveis, mas o desafio maior é se perceber útil sem ser limitado socialmente. De acordo com Whitaker (2007, p. 107), “se o idoso perde o poder, ainda há direitos. E por estes deve-se continuar lutando. Quanto menos poder, menos prestígio, assim maior deve ser a luta pelos direitos”.

O preconceito e os estereótipos atribuídos ao idoso são desafios que dependem também da conscientização da sociedade. É preciso rejeitar rótulos que acabam fazendo parte da identidade pressuposta creditada ao idoso, como ultrapassados, vulneráveis, desqualificados para o trabalho, dependentes etc. A velhice inicia-se com o nascimento, seguindo uma série interminável de metamorfoses. O limiar entre o que é chamado de desenvolvimento e de envelhecimento é subjetivo.

Não é sem motivos que muitas pessoas idosas tentam prolongar sua juventude mascarando o envelhecimento. O setor da economia que resiste a todas as crises financeiras é conhecido como mercado da beleza; a indústria movimenta fortunas com propagandas de cosméticos que “garantem” o prolongamento da aparência e juventude. A negação do envelhecimento por parte da sociedade, que valoriza a aparência, dificulta a aceitação do novo momento da vida do idoso. Contudo, não é, necessariamente, a idade o que costuma rejeitar e sim o que é atribuído socialmente.

Guy Debord (1967), escritor francês, quando escreveu sobre a sociedade do espetáculo, afirmou que vivemos um momento em que a aparência é o aspecto mais valorizado e desejado, no qual as pessoas acreditam piamente. Para o autor, a sociedade que repousa sobre a indústria moderna não é fortuita ou superficialmente espetacular, ela é fundamentalmente um espetáculo que se apresenta ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte dela. Ainda segundo Debord (1967), a realidade surge no espetáculo e o espetáculo é real; uma reificação da vida que aliena.

Ainda sobre as novas configurações sociais do mundo contemporâneo, podemos trazer à tona o sociólogo Zygmunt Bauman (2001) quando trata da “modernidade líquida” referindo-se à fluidez e efemeridade dos valores da sociedade em suas relações humanas, com seus reflexos diretos na identidade

dos indivíduos. Segundo Bauman (2001), existe uma ideologia característica de que o novo é bom e o velho é ruim.

A lógica social dificulta a construção de uma identidade positiva do idoso porque, para a sociedade, a velhice é definida como contrária à juventude e, assim, desvalorizada. Essa é mais uma ideologia capitalista que Bauman (2001) chama de modernidade líquida. São mudanças no pensamento, nas relações humanas e nas instituições como a Igreja. É assim que ele explica que os paradigmas constituídos nos períodos pré-modernos lentamente se dissolveram e deram lugar a novas formas de manutenção do mundo social. Para o autor, as relações tornaram-se voláteis à medida que os parâmetros concretos de classificação se dissolveram. Para Bauman (2001), essa liquidez está relacionada justamente à inconstância e incerteza geradas pela falta de pontos de referência socialmente estabelecidos e generalizados.

São esses padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta. Isso não quer dizer que nossos contemporâneos sejam livres para construir seu modo de vida a partir do zero e segundo sua vontade, ou que não sejam mais dependentes da sociedade. Mas quer dizer que estamos passando de uma era de “grupos de referência” predeterminados a uma outra de “comparação universal” [...] (BAUMAN, 2001, p. 14).

É uma época de liquidez, fluidez, volatilidade, incerteza e insegurança. A modernidade líquida é uma época que se contrapõe ao que Bauman (2001) chama de modernidade sólida. É nessa época que toda a fixidez e todos os referenciais morais da época anterior, como religião, família, ideologia política, classe social, são retirados do palco para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade. Quando não há mais tais referenciais, a vida passa a ser entendida como projeto individual. Todos eles foram solapados por uma crescente tendência ao consumo e à transformação das relações sociais em mercadoria, e, conseqüentemente, a própria identidade é vista como uma mercadoria. No caso do idoso, isso implica assemelhá-lo a uma mercadoria (identidade) desvalorizada e, às vezes, descartada. Esse é um problema da

sociedade como um todo, mas que atinge especificamente a pessoa idosa e pode levar a um sentimento de impotência que a imobiliza.

As pessoas que fizeram parte da modernidade sólida têm mais dificuldade para aceitar, por exemplo, o que Bauman (2004), chama de “amor líquido”, característico das relações contemporâneas. O amor líquido é aquele permeado pela efemeridade e insegurança, com o qual nos deparamos atualmente nos relacionamentos. Segundo o autor, trata-se de um amor baseado em padrões de consumo cuja manutenção se dará enquanto trazer satisfação. O problema é que o amor não é um objeto encontrado, é algo que se alcança ao longo do tempo com muito esforço.

Essas relações podem vir acompanhadas ou ser a causa de um vazio existencial, dificultando assim um contato mais genuíno com o outro. Trata-se de um reflexo da sociedade contemporânea e imediatista, na qual, quando o outro não corresponde às expectativas, tende-se a substituí-lo e a buscar um novo relacionamento. As pessoas não estão mais dispostas a consertar o que está errado no relacionamento: compra-se um novo. É o que diz o Pr., referindo-se a outro pastor aposentado:

As igrejas deveriam fazer algo mais sólido, ser mais solidárias. Pastor sofre muito! Alguns não foram felizes nos ministérios por serem pobres, discriminados por raça – negro – etc., como esse pastor que faleceu. É uma coisa séria; é um ser humano, não falam de amor?

4. IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Quando falamos de identidade como socialmente estabelecida, temos um aparente impasse: se a sociedade, alienada por ideologias capitalistas, enxerga e trata o idoso com base em estigmas e estereótipos que não condizem com a realidade dele, o que pode ser feito então? Como ele poderá desfrutar de suas metamorfoses na identidade e viver de forma saudável se a sociedade não o valoriza?

Uma primeira possibilidade para trabalhar essa questão seria a aposta marxista de investir na conscientização social. Conscientização é o processo de tornar consciente uma ilusão. Para Marx, desmascarar a falsa consciência é fazer refletir sobre suas crenças, valores e comportamentos. Assim, os indivíduos, e consequentemente a sociedade, poderão perceber que muitas de suas crenças, valores e comportamentos são fruto de ideologias que atuam para mascarar a realidade. Podemos começar questionando: “O que é ser velho?”.

A velhice é um conceito extremamente subjetivo, uma vez que é um processo onde a forma como o idoso se vê e se percebe, bem como a forma como é visto pelos outros, é fulcral, podendo afirmar-se que não existe “velhice” mas antes velhices, dependendo dos sujeitos e da forma como a experimentam (ALTMAN, 2011, p. 194).

De acordo com Schroots e Birren (apud PAÚL, 2005), o envelhecimento deve ser compreendido por três elementos: 1. biológico, que se caracteriza pela senescência, isto é, pelo conjunto de alterações orgânicas, morfológicas e funcionais que caracterizam o envelhecimento, como a lentidão progressiva dos movimentos e a diminuição da velocidade de reação; 2. social, que diz respeito aos papéis sociais atribuídos e esperados pela sociedade para os idosos; e 3. psicológico, que concerne às capacidades de autorregulação e de autonomia perante as suas opiniões e tomadas de decisão.

Assim, no que diz respeito ao aspecto psicológico, a velhice é uma questão subjetiva, influenciada por diferentes fatores, como a cultura da aposentadoria que no sistema capitalista carrega um estigma de improdutividade, as mudanças nos laços afetivos e as relações sociais que, geralmente, tornam-se mais restritivas à medida que as pessoas do círculo de amizades vão morrendo. Ao tratar da cultura dos índios Matses, Dias (2015) sugere que, na sociedade capitalista, as pessoas idosas perderam espaço nas atividades econômicas e que, em muitos casos, são consideradas um fardo para a família e para o Estado. Segundo o autor, que conviveu com os índios Matses e desenvolveu trabalhos antropológicos com eles, nessa cultura, mesmo caçando e pescando menos, os velhos ainda atuam decisi-

vamente na estrutura da sociedade; com o envelhecimento, o que muda na cultura dos Matses são os papéis sociais.

Penso que o exemplo dos Matses pode facilitar o processo de conscientização da sociedade para a realidade do idoso. Em uma sociedade carente de sentido para suas ações, o idoso, com sua experiência, pode exercer um papel importante nas famílias, na comunidade local, nas igrejas. Mas, para que o idoso desperte esse potencial, as pessoas precisam oportunizar tal potencial. Não se trata de negar as mudanças que o tempo impõe a todos, mas perceber que se trata de novas configurações sociais, novas possibilidades para o idoso. Essa postura social daria toda a condição para que o idoso aceitasse sua realidade e suas novas identidades, proporcionaria uma possibilidade para resolver o impasse sobre ter uma identidade socialmente construída e ao mesmo tempo positiva.

A identidade do idoso, reconhecida e valorizada, facilita o enfrentamento das crises existenciais que geralmente acontecem. O luto por suas perdas poderá ser mais bem elaborado, e as angústias com a proximidade da morte não o impedirão de desfrutar de seu momento, de sonhar, como disse nosso entrevistado.

Erik H. Erikson (1998), psicanalista estadunidense de origem alemã, propõe uma concepção de desenvolvimento humano em estágios psicossociais, idades que decorrem desde o nascimento até a morte; cada estágio é atravessado por uma crise psicossocial entre uma vertente positiva e uma negativa. Para o autor, as crises são processos que nos levam à evolução e a mudanças; são circunstâncias que nos permitem transcender, crescer e tornar-nos conscientes de nós mesmos. Esses ciclos indicam que os seres humanos estão constantemente adquirindo novos conhecimentos e evoluindo por toda a sua existência, portanto adquirindo novas possibilidades de identidade a cada metamorfose. Se não for assim, ocorrerão bloqueios em alguma fase do seu desenvolvimento. Para Erikson (1998), algumas pessoas se negam a crescer, enquanto outras amadurecem mais cedo. Tudo isso vai depender, em grande parte, do contexto e do ambiente social em que cada um vive.

Assim, em Erikson (1998), o estágio da velhice é chamado de Integridade *versus* Desesperança. Quando o envelhecimento ocorre com sentimento de produtividade e valorização

do que foi vivido, sem arrependimentos e lamentações sobre oportunidades perdidas ou erros cometidos, haverá integridade e ganhos; do contrário, um sentimento de tempo perdido e de impossibilidade de começar de novo trará tristeza e desesperança. A última idade da vida pode ser uma etapa serena ou cheia de ansiedade. Uma pessoa idosa deve ser capaz de fazer uma avaliação sensata da sua época e da sua vida, em que prevaleçam o reconhecimento da realidade e a compreensão do mundo em que vive. Isso será possível se as pessoas ao redor autenticarem tal sentimento de autorrealização. Nos casos em que existem conflitos não resolvidos ou etapas que não foram superadas, normalmente aparece um profundo medo das doenças, do sofrimento e da morte.

Portanto, a velhice não é um problema a ser tratado; esse é o processo natural de mais uma etapa da vida. Com isso, a jubilação de um pastor não pode ser vista como a morte antecipada, embora as perdas não possam ser ignoradas; e o processo de luto deve ser acompanhado atentamente pela sociedade, pela instituição (Igreja) e pelos familiares. Do contrário, a velhice natural será, sim, um problema social.

Um ponto de partida para a compreensão da subjetividade dos religiosos idosos é o fato de eles terem passado a maior parte da vida numa “instituição total”¹ (GOFFMAN, 2008) e nela estarem envelhecendo. Dessa forma, sua subjetividade é fruto da interação entre o sujeito e a dinâmica institucional. Para Goffman (2008, p. 22), a instituição total – cujo fato básico é o controle de muitas necessidades humanas pela organização burocrática de grupos completos de pessoas – constitui-se “um experimento natural sobre o que se pode fazer ao eu”. A questão central aqui é a resignificação do espaço institucional e nele o lugar a ser ocupado pelo idoso.

De acordo com Pereira (2005, p. 55), que trata especificamente da realidade do idoso nas igrejas, a tendência da igreja é reproduzir “indivíduos normatizados, modelados numa subjetividade serializada” a partir do estabelecimento de controle moral e psicológico sobre o sentir, o pensar e o agir. As

¹ “Instituição total”, assim chamada por Goffman (2008), é toda instituição que controla ou busca controlar a vida dos indivíduos a ela submetidos, substituindo todas as possibilidades de interação social por “alternativas” internas. O conjunto de efeitos causados pelas instituições totais nos seres humanos é chamado de institucionalização.

perdas fisiológicas e naturais não significam perda da condição de sujeito.

As metamorfoses na identidade são mais bem interpretadas quando vistas como etapas ou fases de um processo natural da vida humana: perde-se uma identidade, mas adquire-se outra.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes parágrafos finais são dedicados às questões práticas que podem facilitar o processo de compreensão e aceitação das metamorfoses na identidade por meio da conscientização. Trata-se de um exercício contínuo de percepção da identidade como um movimento dialético, entre indivíduo e sociedade, em que a ação de um reflete no outro. A identidade de um depende do outro. As pessoas projetam um papel social, estereótipos e desejos, nesse caso, no pastor, e ele tende a assumir como sua identidade; o significado que o outro atribui ao indivíduo é fator constitutivo de sua identidade. Esse processo costuma trazer problema para o indivíduo que não reflete sobre o que lhe é atribuído, antes de assumir como identidade.

A falta de conscientização implica o aparente paradoxo de experimentar, na velhice, metamorfoses na identidade de forma satisfatória e integradora, em uma sociedade alienada por ideais capitalistas que trata o idoso como descartável. O impasse pode ser solucionado pelo processo de conscientização social, em que indivíduo (pastor) e sociedade (instituição religiosa) compreendem que as transformações na identidade fazem parte da evolução da vida humana. A luta por emancipação de uma identidade idealizada pode ser vencida quando as subjetividades do indivíduo (pastor idoso) são reconhecidas. O principal problema é que os pressupostos que identificam o pastor são tão fortes que fica difícil “descolar” para que novas identidades possam nascer. Há uma resistência por parte de muitos pastores, mesmo que o grupo social dê sinais de que novos papéis podem surgir sem que, necessariamente, isso seja algo negativo. O desapego a certas funções ou papéis da identidade pastoral é algo que precisa ser discutido nas igrejas. Pastor e igreja precisam ser preparados para as metamorfoses

na identidade permitindo que ambos desfrutem desses momentos de forma menos conflitiva, porém é um processo difícil porque, geralmente, ambos se retroalimentam de ideologias que mascaram a realidade. É comum, por exemplo, os fiéis depositarem nos pastores os rumos de suas vidas e eles acreditarem que isso é responsabilidade deles.

O desafio é enxergar as novas possibilidades que a vida está oferecendo, desfrutar do que possui e exercer novos papéis sociais. A fala do entrevistado é emblemática: “Descobri os poemas; poxa vida! Estava dentro de mim. Acredito que é uma mudança”. Essa é uma condição importante no processo de reconhecimento e aceitação das metamorfoses na identidade do idoso. Outra capacidade importante é a de cultivar sonhos. Augusto Cury (2004) ressalta a imperativa necessidade de continuar sonhando; as pessoas devem lutar e nunca desistir de seus sonhos, porque sem eles a vida é uma existência sem sentido.

Em algumas culturas, o processo de envelhecimento transcorre de maneira relativamente tranquila. No Japão, por exemplo, as crianças são ensinadas que os mais velhos são exemplo de sabedoria e, desde 1947, comemoram o *Keiro no hi* (Dia do Idoso). É um feriado em que os japoneses vão às ruas para fazer atividades físicas e celebrar a longevidade; lá os idosos possuem intensa atuação nas decisões de seus grupos sociais, especialmente nos destinos políticos.

A consciência de pertencimento ao grupo e o desenvolvimento de novos papéis sociais preservam os sentimentos de serventia e de etnicidade. Algumas perdas são inevitáveis: quando se envelhece, a deterioração da capacidade de execução de atividades físicas quotidianas, as alterações da percepção estética e corporal e a deterioração da saúde fazem parte do processo natural. A velhice traz consigo dificuldades, não há como negar a descontinuidade, a ruptura com o vigor do passado. Enfim, o tempo afeta todas as pessoas, resistir à realidade é uma batalha perdida. Uma identidade precisa morrer para que outra possa nascer, contudo é apenas mais uma metamorfose no processo infindável da identidade.

Compreender esses processos como parte natural da evolução da pessoa é essencial para a humanização do humano. O idoso deve manter-se ativo, a família deve continuar

sendo fonte de afeto e a sociedade precisa reconhecer e valorizar a potencialidade do idoso.

METAMORPHOSES IN THE IDENTITY OF THE ELDERLY PASTOR

ABSTRACT

This article intends to address theoretical and practical aspects that guide the identity processes of pastors throughout their religious career. The goal is to describe how the metamorphoses occur in the identity of the pastor facilitating a more satisfactory transition at the time of his retirement from the ministry. The theoretical framework used to understand identity is based on Social Psychology, more specifically the thought of Dr. Antonio da Costa Ciampa, professor of Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), who works with the concept that identity is metamorphosis. To reach the objective was used as methodology the semi-directed research technique with a retired pastor. The research allowed to verify the main movements in the life trajectory of a pastor and the constant metamorphoses in its identity. The text brings references to the concept of identity, fragments of the interview and analysis with notes that evidence the identity process and its transformations – metamorphoses – in the struggle for the repositioning of the identity of the subject and finally the acceptance of post-ministry identity as a natural process of his religious career.

KEYWORDS

Identity. Metamorphosis. Elderly shepherd. Social psychology. Social representation.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, M. O envelhecimento à luz da psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, v. 44, n. 80, p. 193-206, 2011.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

- CIAMPA, A. da C. *A estória do Severino e a história da Severina*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CIAMPA, A. da C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.). *Psicologia social: o homem em movimento*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 58-75.
- CURY, A. *Nunca desista de seus sonhos*. São Paulo: Sextante, 2004.
- DEBORD, G. *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1967.
- DIAS, R. L. *Siyude (Senhorita): as “traduções” Matses do contato histórico com missionárias do Summer Institute of Linguistics – SIL*. 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)–Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ERIKSON, E. H. *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- PAÚL, C. Envelhecimento activo e redes de suporte social. *Sociologia*, Porto, v. XXV, p. 275-287, 2005.
- PEREIRA, W. C. C. (Org.). *Análise institucional na vida religiosa consagrada*. Belo Horizonte: Publicações CRB, 2005.
- SPINDOLA, T.; SANTOS, R. da S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003.
- WHITAKER, D. C. A. *Envelhecimento e poder*. Campinas: Alínea, 2007.

Recebido em janeiro de 2018.

Aprovado em julho de 2018.